



XI

É o fim! ¹

Sumário

Choque	2
Mbembe	3
Todo, não todo e o caos	4
Todo e não todo	5
Estado de exceção	7
Não todo em todo lugar	9
A revolução industrial e o não todo	11
The Square	13
Interpretação: um saber no lugar da verdade	16

¹ Este texto reproduz encontro de 18.11.2018, do seminário do ICP-RJ “A Clínica do Fim do Mundo”, transcrito por Cida Malveira.

Choque

Estamos entre o primeiro e o segundo turno da eleição. Foi um choque o primeiro turno. A constatação que um Brasil passara a existir. Violento, misógino, embrutecido.

Vamos retomar o seminário com esse texto, *A era do humanismo está terminando* do Achille Mbembe, mas coloco primeiro como mote, aquilo que me tirou da depressão, alguém falou “esse texto tirou você da depressão, você está brincando!” Minha proposta hoje é esta, tentar dizer, porque me tirou da depressão.

Façamos o trabalho de extrair do texto as teses principais, discuti-las e depois falar disso. Espero que esse texto tire vocês também da depressão.

Renata: achei o texto difícil, ele faz uma bifurcação entre a democracia liberal e capitalismo neoliberal. Essa seria a batalha da primeira metade do século XXI e são essas duas coisas que estavam juntas, no final da guerra, o capitalismo e a democracia liberal triunfaram sobre o fascismo em 1945. A democracia liberal e o capitalismo juntos, de alguma maneira foram certos pilares para derrubar o fascismo e comunismo. Depois disso, começou a bifurcar e agora, essas coisas são incompatíveis. Sempre foram, mas estavam juntas para sobrepôr uma maior. Essa bifurcação é que faz com que o capital neoliberal sobrepõe o humanismo.

O fim do humanismo seria, então, o fim do humanismo liberal. Temos o humanismo socialista, o capital, o liberal, e derrotou-se o resto, só sobra o liberal que vai embora também, acabou a última chama do humanismo.

O neoliberalismo não é um liberalismo apenas aumentado, ele não tem nada a ver com o liberalismo, se opõe a ele. O neoliberalismo está destruindo o liberalismo. Essa tese é forte.

Essa ideia do neoliberalismo se opor, ainda vamos debater, o neoliberalismo é louco, o liberalismo não é, mas tem gente boa comparando com o liberalismo. Falamos mal do partido novo, mas ele é super legal se não for cínico. Quem são os liberais aqui? Quem encarna o liberalismo econômico, razoável e não o cínico? Sabe-se lá se é o partido novo, Fernando Henrique Cardoso do PSDB. FHC, Alkmin, realmente estão destruindo o PSDB. Não discutimos ainda porque ele destrói.

Participante: venho décadas atrás da sociologia e da história e me deu um pouco de aflição ler esse texto, no sentido de que essas categorias viram muito rápido. O que está sendo chamado de capitalismo neoliberal, esse capitalismo financeiro existe há quase um século.

Vamos retomar o que a Helena está falando, o texto faz uma oposição entre o liberalismo e o neoliberalismo, a Helena diz que ele define mal, cada um dos dois.

Helena: mal define. Sabe da minha sensação, falo disso com constrangimento, porque tudo o que eu queria é me encontrar com esse texto, tenho a sensação que nós psicanalistas nos encantamos, mas falta substância do ponto de vista de sustentação de outros saberes das categorias que estão postas.

O texto define muito rapidamente, ou define mal essas categorias que ele está usando. Acho isso razoável, mas também, ele é um texto de manifesto, Mbembe é escritor, tem livros publicados, pode definir o que ele fala rapidamente, em outros lugares. Podemos ficar com a definição dele, sujeito a apoios, porque acho difícil encontrar um texto deste tamanho que defina bem as coisas. Eu diria que é sustentado, é só pegar “*A crítica da razão negra*”, um livro

que ele escreveu e já fora publicado – inclusive postado no grupo –, a definição de neoliberalismo nesse livro está referida a outros pensadores, me faltou a referência que ele usa. Ele tem a sua maneira de fazer curto-circuito.

Fica frágil neste sentido, dizemos que ele está sujeito a dúvidas, não é porque ele é preto que é legal. A definição de neoliberalismo nesse livro, “*A crítica da razão negra*”, a crença de que é possível dar um valor a tudo que é vivo, a todo instante. É uma boa definição, me serviu bastante, está fundamentado num livro que refere a outro livro. Mas não sei bem o que fazer com isso a não ser uma espécie de desconfiança geral de que está muito jogado. Eu tenho um mal-estar que está muito jogado, ou você vai procurar alguém que lhe dê mais, dê bens mais ou menos jogados, ou então ele mesmo procura.

Participante: é um texto curto, mas tem uma estrutura que interessa, ele sintetiza bem. A questão de tudo ser determinado a partir do mercado.

Helena: o capitalismo está aí, sobreviveu a diferentes hegemonias, governos, o que mudou? Em termos de categorias econômicas?

A crítica da falta de substância, não temos como responder com esse texto, é uma proposta diferente, vamos apostar nestas teses e se ficar obscuro, fica ruim. Estávamos extraindo as teses, por exemplo, liberalismo e capitalismo, e temos que fazer uma definição. Queria listar as teses e depois ir para o texto.

Participante: as novas formas digitais, me chamou muita atenção nesse texto: ele cita “a era computacional – a era do Facebook, Instagram, Twitter – é dominada pela ideia de que há quadros negros limpos no inconsciente. As formas dos novos meios não só levantaram a tampa que as eras culturais anteriores colocaram sobre o inconsciente, mas se converteram nas novas infraestruturas do inconsciente.”

Mbembe

Achille Mbembe tem muitos livros publicados, não podemos desconsiderar, neste texto ele está resumindo suas teses de uma maneira bombástica; essa do inconsciente, temos que ver com carinho, essa é nossa, e sabemos dizer alguma coisa. Não somos economistas, mas psicanalistas. Mas de que maneira ele está usando o tema do inconsciente neste texto? Na ideia que você trouxe sobre a mídia dos novos meios de revolução digital, acabou o inconsciente tal como a gente conhece, ele não é do lugar do resto. Então, não há mais sujeira.

Participante: me impressionou também, ele fala que a revolução digital se impõe.

Alguém que falar mais alguma coisa? É uma metáfora para entender a tese, a ideia de se ter uma coisa obscura que não acessa muito bem, essa sumiu, aí podemos pensar que não, está muito fundamentado, mas podemos recorrer a nossa experiência cotidiana, a ideia de que tem uma coisa obscura, e que ela é o real do que se está dizendo, realmente, não está tanto mais no ar. O que mais ouvimos no ar é “*tem coisas absurda, mas não uma coisa absurda que dá a verdade do que está sendo dito*”. O que está no ar é que “*tudo pode ser dito, tudo pode ser falado, averiguado, verificado*”. A expressão *tiranía da transparência*, vai nesse sentido.

Não é que não haja segredos, nem que não haja coisas absurdas em condições absurdas, mas a ideia de que com a verificação você pode chegar em todos os lugares... Essa não é a ideia da Lava-Jato? A ideia de que se pode desvelar, botar todo mundo na cadeia?

Helena: acho que é a ideia do Google, entra e de repente todas as nossas vidas.

Mas as pessoas poderiam dizer, “*tem o Google, o que não tem é a minha subjetividade, minha singularidade*”. Nós lidamos com a singularidade como alguma coisa que não será dita, e ela é a verdade do que está sendo dito, a ideia de que tudo pode ser dito, acaba com a ideia da singularidade como real que não se dirá. Conseguimos marcar essa tese? Essa tese não é só dele. Vimos também com o Vilém Flusser.

Participante: ele diz que “as desigualdades continuarão a crescer em todo o mundo. Mas, longe de alimentar um ciclo renovado de lutas de classe, os conflitos sociais tomarão cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais.

A tese é: não exatamente as duas coisas, mas uma guerra de minorias entre si, infinita, não é essa a tese? Essa pode ser uma descrição e também poderia ser uma tese.

Participante: Laurent faltou das lutas de classe não estariam tão evidentes, ele também falou das minorias.

Usando nossas categorias com Laurent, diríamos que o binarismo ou o campo masculino do fálico, define uma coisa e outra coisa, quando esse discurso impera temos guerra entre uma coisa e outra coisa, quando acabamos com isso temos uma explosão de galáxias de grupos, que guerreiam entre si. Ele mostra isso do lado horrível. Guerreiam entre si infinitamente, temos colônias de coletivos, que são vivos, Deleuze é isso.

Todo, não-todo e o caos

Se imaginarmos um mundo, imaginado por Deleuze, o que ele pode se tornar, rizomas territoriais e desterritoriais se guerreando entre si, sem nenhuma unidade, sem ter um contra o outro. Estou puxando nomes, para dizer que tem uma leitura de Deleuze sobre isso. Temos o livro: *Órgãos sem Corpos: Deleuze e Consequências* de Slavoj Žižek, que está falando o livro do Deleuze, discutindo esse tema: “se a vida de uma coisa múltipla e plural, parece muito legal, isso pode ser também, uma espécie de guerra eterna, entre minorias”, no nosso sentido, “o não-todo, pode ser o caos”.

Mergulhar no não-todo, pode ser o inferno, o mundo que seria na tensão do todo e não-todo, seria o mundo onde o não-todo impera, em todo lugar, é uma espécie de coisa, permanentemente, líquida. Mas pode ser violenta. Tem mais alguma outra tese que é importante marcar?

O fim do inconsciente, “*le partout est partout*”, essa é uma expressão de Miller que já trabalhei muito. Estamos dizendo que *partout* é a tese deleuziana de Miller, estou falando deleuziana, porque se tem alguém que pensou num sistema, num funcionamento coletivo, orgânico, sexual, fora do falo, foi Deleuze. Ele quebrou a cabeça com isso. Temos um monte de coisas plurais, que ele chama de esquizofrênica, justamente para não comparar com o neurótico. O que seria uma

vida em que as coisas acontecem, não acontece, desacontece, mas não tem falta, desejo, singularidade. Essas coisas meio metafísicas, meio bonitas é coisa de religionso. Isso é o Deleuze falando, é assim que ele falaria, dos lacanianos.

Lidamos com categorias de coisas inexistentes e vagas, absolutos, o que é um pouco religioso. Como lidamos com o pé no chão? Fluidos para lá e para cá, composições, recomposições, rizomas que fazem bifurcações, territórios que se estabelecem, desterritórios que se desestabelecem, essa é a vida. Parece legal num certo ponto, quando se está contra o pai. Mas se o pai realmente foi embora, pode ser uma loucura.

A tese de Mbembe, ela tem esses ecos deleuzianos, mas pelo avesso, quando ele diz, “o mundo será uma constelação, sem parar de minorias e minorias”. Poderia ser uma constelação de sexos entre todas as minorias das minorias, isso é mais do lado do Deleuze. Miller (1996-1997) *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, propõe, “os tempos de hoje são *le partout est partout*, que é o não-todo em todo lugar.

No texto “*Intuições Milanesas*”, Miller fala disso tudo, o que seria o mundo dominado pelo “mais feminino”, onde a prevalência do não-todo, um mundo onde tudo está em constante revolução, sem parar, não tem guerra de ninguém contra ninguém, só tem guerra de todo mundo contra todo mundo.

A tese do *le partout est partout*, é a nossa maneira de ler um mundo onde não haverá lutas de classe, porque a luta de classe suporia que alguém manda em alguém. E que alguém vai destronar quem manda. E tudo seria falocentrico. Se você tira radicalmente a ideia, não pode mais ter uma revolução, no sentido prático, não pode colocar um regime no lugar de Outro. Na verdade, um regime entra, outro sai. Parece mais com a descrição do nosso mundo do que a ideia “nós vamos acabar quem está no comando e colocar alguém melhor”, Isso é um discurso que se diz, outra coisa é isso na prática. Mbembe usa um pouco disso para discorrer.

J. Claude Milner, já tinha feito isso nos anos noventa, usando a mesma categoria do não-todo e todo, no livro “*As tendências criminais na Europa democrática*”. Aonde você cai com o Um, vai para o ilimitado, quando se vai para o ilimitado, tudo briga com tudo, quando você instaura o poder falo, ai se apazigua, mas agora tem uma tendência do não-todo sobre o todo. Quando se está no todo em toda parte, vai dando confusão. Temos que aprender a viver, claro, não significa que é o fim do mundo. Senão vamos achar que voltar para o falo é a solução.

Estamos falando a mesma coisa? Eu tenho o imperialismo, branco querendo dominar o preto, isso é totalmente falo, totalmente todo, e o não-todo são coisas que se combinam, descombinam, não tem alguém mandando na outra necessariamente, é só localmente.

O que fazemos? Ficamos no texto ou vocês querem que eu fale sobre o todo e o não-todo?

Vamos refrescar a memória?

Todo e não todo

Todo e não todo

$\exists x$	$\overline{\Phi x}$	$\overline{\exists x}$	$\overline{\Phi x}$
$\forall x$	Φx	$\overline{\forall x}$	Φx
\mathcal{S}		$S(A)$	A
Φ		a	

O todo, para Lacan, é “existe uma exceção, que não, tal função”. Existe alguém que não está subordinado, seria o pai que goza de todos. Existe alguém que pode tudo, então, os filhos se reúnem e mata o pai, “para todo menino, não vai poder”, essa é a função da castração, “nem tudo pode”, se existe alguém que está submetido ao não poder tudo, todos os outros não podem tudo”. Existe alguém que não está submetido a castração, então, todo alguém, está submetido a castração. Aqui o Φ é negativo, é a castração.

Poderia dizer, existe alguém que não gosta de brigadeiro, então, todos gostam de brigadeiro, é uma função de generalização, só que usando a castração. Se esses aqui acreditam que tem alguém que pode tudo, então, não podemos tudo, se tem alguém que é muito poderoso, que pode gozar de todo mundo, é muito perigoso, senão não haverá democracia, não haverá ordem, ninguém pode tudo.

Esse alguém tem que ser combatido, assassinado, eventualmente, e temos de combinar entre nós que nunca vamos fazer isso que ele fez. Isso é o mito do *Tótem e Tabu* de Freud. Se existe alguém que um dia gozou de todas as mulheres, vamos combinar que cada um só goza com a sua. Se existe alguém que pode usar o poder a vontade, falar o que quiser, como alguns fazem, vamos combinar que não pode. Isso é a democracia.

A ordem democrática, também serve para falar do Exército, da Igreja. Essa é a ordem do Todo. Estado democrático de direito, que tem a ideia de que alguém a qualquer hora pode tomar o poder, então, todos elegem uma Constituição e essa constituição vai fazer com que não poder. Esse Estado Democrático de Direito, seja regulado pela Constituição ou seja regulado pela ordem do soberano, do rei, todos esses estados, são todistas, pode ser religioso, absolutista, como chamava no tempo do Iluminismo, pode ser democracia, pode ser Estado Democrático de Direito, o que importa é não podemos tudo. Isto está definido, é um pacto entre nós. A ideia de Freud é que é possível “que não possamos tudo”, se há crença numa exceção, então a regra é dura, funciona,.

O Todo se estabelece porque falta alguma coisa, porque alguém não pode, o Todo não é porque ele tem tudo, é justamente porque ele é castrado. Porque ele funciona no regime da castração, é o Todo lacaniano é aquele que está no regime da castração. “Eu sou todo legal, porque me falta alguma coisa e por isso eu me submeto”. Não podemos confundir com o não-todo.

O não-todo é onde não tem falta, aqui é onde a falta funciona como agregação. O Exército é forte, porque todos se submetem, cada um não faz o que quer, todo mundo se submete a alguém que está em cima, não é que é menor que o outro, porque está submisso a castração. O que está lá em cima, assume que está no lugar de uma exceção, ele não é a exceção, ele é o chefe que governa e manda do lugar do pai que se foi. Se for um presidente, governa em nome de uma Constituição, ela foi escrita numa época em que as pessoas estava tentando regular o gozo do pai. Mesmo o imperador se submete, mesmo no tempo do Luiz XIV, Deus diz que ele era Luiz XIV, ele não sai fazendo lei, senão acaba. Se começar a sair fazendo o que quiser, não estamos mais no regido do Todo, estaremos em outro regime. Quando numa monarquia o

sujeito faz o que quer e todo mundo aceita, isso vira outra coisa, uma tirania, um regime totalitário, coisas assim.

Se o homem ganhasse e fosse um pouco melhor, talvez fossemos parar nisso, porque ele vai achar que pode fazer o que quer, pode suspender o Senado, e vai fazer como ele quer. O regime do Todo que é um regime democrático de direito, não. Não se pode fazer o que quer. Freud está nos dizendo que “alguém poderia dizer que poderia”, por isso temos que estar o tempo todo, corrigindo e arrumando.

É a exceção que funda a regra. Não é que a regra tenha sua exceção. É a crença do pai da horda que faz os filhos se submeterem, ao contrato que eles fizeram, a crença de que é possível um deles de repente querer gozar de tudo, tem uma fé no gozo do Outro. É possível que o Outro goze, é porque o homem pode gozar de tudo, ele é mal, que por exemplo, todos, temos que fazer um contrato, renunciar a pulsão

O não-todo, é, “não existindo a função, a exceção”, não tendo mais pai, não consigo fazer um universal sólido. Se não tiver exceção, não é que não há universal, é que o universal é marcado, estranho. Se fossemos usar o codificador, teria que dizer que não tem todo. Tendo exceção, universal, não tendo exceção não há universal. Tiro o Universal. Lacan nos mostra, que esse universal é meio frágil, maluco. Pense assim: fazemos um grupo aqui e não acreditamos muito que alguém pode mandar em todo mundo, quando você acredita que em determinado momento alguém pode assumir o poder e mandar em todo mundo, aí o grupo é muito coeso, Quando a gente não acredita muito que isso não vai acontecer, fica confusão, difícil de acertar as coisas.

Participante: o que o regime totalitário ajudaria?

O regime totalitário não tem exceção. Toda categoria de políticos tendem a mudar nossas cabeças. Dizemos que exceção é quando há um ditador? Não. Isso é a exceção da exceção. O que é exceção? É quando alguém é presidente, tem o poder de exceção, pode fazer coisas que os outros não podem. Mas ele é presidente porque delegamos o poder a ele, acreditamos e por acreditar que ele pode fazer merda, então, acrescentamos “delegamos, você pode, segundo a Constituição”. Esse seria o Estado, onde a exceção funciona. Quando a função da exceção é suspensa, delegar o soberano poder de decidir coisas, tudo isso é fazer funcionar a exceção, quando se suspende a função da exceção, deixam de ser estado de exceção, que normalmente é o totalitarismo. A Venezuela de Maduro, é um país onde a exceção não funciona.

Estado de exceção

Vamos supor que eu seja a exceção e vocês calam a boca para ouvir o que eu estou falando, se vocês não levarem fé que tem uma exceção, que eu sei mais, um de nós é diferenciado dos outros, acabou essa paz que reina entre nós. Todo mundo pode falar, isso seria o não-todo em ação. A função da exceção é “todo mundo aceitar que ninguém sabe mais, tem um gozo a mais, então todo mundo se cala para prestar atenção, mas esse aceitar que eu tenho um gozo a mais tem regras’. Eu não posso gozar de qualquer coisa, enquanto eu estiver falando alguma coisa direito está bom, mas se eu começar a falar da minha vida privada vai desmontar esse todo.

O livro *Estado de Exceção* do Jorge Agambem é sobre isso, estado de exceção. O Estado de exceção é quando se suspende a exceção e não tem mais essa ideia de que tem alguém que excetua a regra. Se ninguém se excetua as coisas, as coisas vão sendo combinadas a cada vez, essa é uma espécie de explosão não-todo. Porque o totalitarismo estaria desse lado das fórmulas da sexuação, não é garantido que esteja ai, pode ser uma maneira de funcionar a partir do não todo. Essa passagem não está feita, ainda. Como situar o totalitarismo? Depende do totalitarismo.

Participante: o líder encarna a lei.

Não é encarnar, ele faz a lei enquanto respira. É mais ou menos o que Romildo trabalha no texto dele, por exemplo, o ditador acorda e diz: acho que todo mundo tem que usar vermelho, então todo mundo vai usar vermelho, dois minutos depois ele vai dizer: agora acho que todo mundo deve ficar nu e ir para a rua. Todo mundo fica nu. Mas isso é fazer a lei de acordo com o seu capricho, o que é o regime totalitário. Outra coisa é fazer a lei de acordo com a ordem que foi pré-estabelecida. Não é que você possa fazer muitas coisas que tem poderes excepcionais, você não tem qualquer poder. São poderes convencionados pela população que você tem. Mesmo numa monarquia rígida, era assim, porque se remetia a Deus.

Imagino que o Iran, não é totalitário nesse sentido. Não saberia dizer. Mas se os Talibãs fazem o que eles querem a cada instante, é estranho. Agora, se eles seguem uma espécie de regra geral de consenso da população é função de exceção! Esse não foi um bom exemplo, mas era para ser radical. Uma maneira de pensar nisso seria usando o biopoder, Foucault, por exemplo, usa para pensar o totalitarismo. Agambem usa como exemplo os campos de concentração, para se pensar o que era aquilo ali? É um poder meio louco na base de uma burocracia ensandecida para ganhar em eficiência. Não tem líder, nem ditador, era só uma espécie de funcionamento não-todo.

Participante: e o Bolsonaro como ficamos?

Depende de como podemos ler. Se estamos num país de regime democrático e existe alguém que não está funcionando segundo a regra da exceção, das duas, uma, ou ele vai dissolver o comum, ele faz a lei enquanto anda, vai ser um ditador, ou vai se submeter, ou vai acertar o jogo democrático. Como ficamos? Vamos ver, temos que entrar com essa hipótese da revolução digital, é impossível pensar no Bolsonaro, sem pensar na revolução digital. Isso tudo está lá, temos de acrescentar, é por isso que esse texto do Mbembe é importante.

Participante: ele não seria um líder?

Não se pode ter certeza. Não dá para imaginar pessoas que estão aqui, acreditando que ele é uma pessoa de exceção, e por isso, ele saberá nos guiar corretamente para o bom caminho, isso é Moises, “Judeus e Moisés”, ele vai nos guiar porque tem uma ligação com Deus, isso tudo é no fundo exceção. Ele não pode falar tudo, tem que convencer a todo mundo que ele falou com Deus, e que é isso que Deus quer.

Participante: não chamam ele de mito?

Estou dizendo que muita gente vai estar do lado do não-todo, não parece que todos estão funcionando assim, não parece que esse tipo de descrição funciona melhor para a massa bolsominia, é preciso outra descrição. A descrição possível “ele é um ditador, vai suspender a lei

e fazer o que quiser”, não é uma descrição possível, ele não bate muito bem. Pode ter um grupo que diga que ele é muito doido e vai morrer em alguns meses e o exército vai assumir. O exército é bom, inteligente, vão conseguir ser ditadores, fechar o Congresso. Pode ser. Mas temos que acompanhar.

A história da revolução digital, Deleuze sugere para trazer para esse lado – fórmulas da sexuação todo e não-todo - para tentar pensar a situação, ou articulando os dois lados, ou pensado esse lado na sua especificidade. Viram o pano de fundo conceitual. A teoria do líder, da massa guiada por um líder, ou da massa guiada por um ditador, que não é um líder, ou da massa desordenada, sem nada, isso está no Freud.

Lacan formalizou conforme o esquema do todo e não-todo, mas se existe uma massa sem a função de um líder, e que não é a massa do ditador. O ditador é o pai da horda, faz o que ele quer a qualquer momento, é até difícil de imaginar que temos um laço social firme com isso, o pai morto é a democracia, o soberano, as vezes os estados religiosos também, que é a função da exceção. A bagunça de hoje não parece ter nada disso, às vezes.

Nãotodo em todo lugar

O que Mbembe está dizendo é que a democracia liberal é assim e que o capitalismo neoliberal. Mas todo cuidado é pouco, se começamos a dizer que no esquema é masculino e feminino, vai ficar ruim, vamos dizer que feminino é horrível, pode ser uma maravilha. Todo cuidado!

Para entender é fácil com os exemplos de psicologia dita feminina e da psicologia dita masculina. Pegamos um grupo masculino, todista, joga bola todo dia, garçom jogando bola no Aterro do Flamengo, joga isso, aquilo, as pessoas vão morrer, mas é para a eternidade. O grupo dito feminino é o salão de cabelereiro, é uma prática para outro e aquilo é um entra e sai, se fala mal, fala bem, que grupo é esse: preconceituoso, nojento, como somos feitos nessa sociedade preconceituosa e nojenta, isso ajuda.

“Por uma partilha sexual”, texto do Miller, que trata disso o tempo todo, grupos contra grupos, grupos se fazendo e desfazendo, “as amigas na escola”, briga com a terceira, depois volta a ficar amiga, isso não pára, é como se a bola fosse passando e não se sabe onde ela está. Em algum momento haveria uma ruptura entre todo e não-todo, quando somos jogados no mundo do todo, a tese de Miller é que houve uma inversão de prevalência. O principal discurso ambiente era todista era a prevalência, houve uma inversão, o não-todista seria mais do lado do recalcado, das minorias, das periferias, quando se inverte, temos uma espécie de não-todo, em todo lugar e o todo se torna uma minoria.

O não-todo é uma espécie de vida, uma vida que se baseia na ideia de que nem tudo é, nem tudo pode, que há alguma coisa que nos escapa, não se pode gozar como o pai, tem um gozo que não será meu, enquanto eu for eu, é muito o que a gente sente que seja a neurose, e a psicanálise na sua base original.

Quando passamos para o outro lado do esquema, imaginem o que é não haver a ideia de que nem tudo se pode, o que tem a ver com nossos tempos. A ideia de que tem um lugar que você não vai acessar, e que é o lugar da verdade, a verdade fica como uma coisa operacional, ai temos uma espécie de coisas meio geléia, as vezes é, as vezes não é, é sem ser, tudo pode ser, tudo

pode não ser, depende da versão, depende da descrição, depende de quem falou, quem grita mais alto, quem posta melhor, isso o tempo todo, é angustiante. O que a revolução tem a ver com isso é a ideia do texto?

Participante: o neoliberalismo está de que lado?

A proposta do Mbembe é que o neoliberalismo é o capitalismo na sua fase última, tardia, é para chocar, feminino. Ele não fala isso, ele não é louco, nós falamos. Ele é não todo, e não-todo pode ser um xingamento mas pode ser uma maravilha também. É só alguma coisa que não se totaliza, cuidado com não-totalizar, que não é dizer que não é totalitário, é o contrário, é totalitário. Os regimes ditos totalitários, são regimes que não se totalizam, os regimes ditos democráticos são os regimes que se totalizam, “eu sei o que é a França”, eu posso a qualquer momento declarar quem é o meu inimigo, quem é meu amigo, quem está dentro do parêntese que tem que ficar, como se fosse um regime totalitário, não tem essa coisa estável, totalizado, um regime totalitário em geral ele não é, totalizado, todo, ele é não-todo. É uma ginástica mental que não pára.

Para Lacan, o orgasmo feminino é o múltiplo vaginal, ele é não-todo, não é porque é menos, é o contrário, é até mais, claramente vocês entendem quando eu falo em orgasmos múltiplos, clitoridiano e vaginal, Lacan fala nisso desse a “*Diretrizes para um Congresso sobre s sexualidade feminina*”, p. 734 dos Escritos, desde 1960.

O feminino mesmo é o vaginal, o masculino é o clitoridiano, fálico, toda mulher ou todo mundo que se diz do lado feminino das fórmulas da sexualidade, dizem experimentar os dois e dá para imaginar, na fala da cultura vemos isso, não posso dizer, Já estive do lado de alguém que disse que “eu sei o que é o gozo feminino e você não sabe porque é homem”, respondi “quem sabe que talvez eu tenha uma ideia”, pelo menos alguma ideia a gente tem, seria alguma coisa que não se sabe dizer quando começa e quando termina, não sabe dizer onde é, mas sabe que tem e que é alguma coisa que não sabe apropriar e dizer, eu sei o que é. Precisa passar para alguém para dizer o que é, tudo isso é não-todo.

O que seria uma democracia não-toda? Seria um troço assim. Não sei direito o que é, nem quando começa.

Participante: quando a lógica do mercado, se você vai para a democracia é a lógica do todo. Quando você fala de capitalismo e democracia, o vale o que serve para o mercado.

Acho que o raciocínio do Mbembe é que até certo ponto o mercado era regulado. A tese é muito específica, tem a revolução industrial, enquanto se produz coisas, quando o principal de uma fábrica é produzir coisas, isso é regulado pelo uso das coisas, quando o principal de uma fábrica é produzir dinheiro, alguém falava disso “eu trabalhava numa fábrica de calcinhas e sutiãs”, mas começou a ter muito prejuízo, ficamos pensando em como fazer melhorias, pegamos um dinheiro e fizemos um RED – empréstimo – e como os juros abaixaram, ganhamos muito dinheiro com o RED, então, para que fazer calcinhas e sutiãs? A fábrica de calcinhas e sutiãs era só fachada para fazer operações financeiras, esse é que é o capitalismo tardio.

Quando os produtos são menos importantes do que apenas o valor o dinheiro abstrato que só com o computador deu para fazer. Uma coisa que sempre teve os dois, a mais valia quando se faz coisas, outra coisa é quando se trabalha só com a mais-valia, ou prioritariamente com a mais-valia.

Participante: capital financeiro – é a revolução digital que faz o corte. A hegemonia do capital vai ser isso?

É um enlouquecimento do capital financeiro, pela separação dos bens, a bolsa de valores e a bolsa de *commodities*, a de *commodities* é de um capitalismo liberal, razoável, vendendo trigo e pão, agora quando não se está vendendo nada, vendendo empréstimos, de outros empréstimos e papéis, e não tem mais conexão, isso começa a rodar sozinho, essa seria a definição de capitalismo rentista, ou tardio, capital financeiro, neoliberalismo do Mbembe.

Isso foi muito teorizado depois que a Envy nos USA caiu, as pessoas pegavam empréstimos e empréstimos, mas teve uma hora que caiu, mas só caiu no USA; Continua rodando, é mais interessante fazer operações financeiras do que produzir bens, o que não quer dizer que os bens não serão mais produzidos, o dinheiro que está circulando não é em torno dos bens, essa seria a hora do neoliberalismo para Mbembe. É uma hora em que há uma ruptura com os valores, humanos, “eu faço uma calcinha para uma pessoa vestir e gostar”.

Participante: o Bispo Macedo agora está defendendo o aborto, ele acabou com o aborto. O aborto agora é uma questão de lógica.

A revolução industrial e o não todo

Quando há a revolução industrial, é diferente da revolução digital. A revolução industrial se baseou em combustíveis fósseis e produção de coisas. Muita gente construiu alguma coisa depois, Fordismos e etc., ele está fazendo isso, propondo rapidamente em cima disso. Separou do produto e virtualmente a coisa começa a funcionar girando renda. Isso seria uma ruptura com o corpo, a unidade, valores. Isso cria uma oposição entre o neoliberalismo e o liberalismo.

O liberalismo econômico seria fundado no indivíduo: se eu produzir o melhor para mim, pensando no liberalismo e se todos fizerem isso, a sociedade fica mais rica, Essa é a ideia de Adam Smith. Se todo mundo jogar bola da melhor maneira o mundo melhora, cada um faz o seu, se o açougueiro o padeiro, o leiteiro, fizerem o que eles quiserem, bem feito para eles a sociedade fica melhor. Podemos discutir.

A formação das pessoas não é essa, tem que distribuir, mas hoje já estão achando isso lindo. É o liberalismo clássico. O neoliberalismo não está pensando em cada um fazer o melhor para si, está pensando em como se produz mais renda. A renda que se produz mais é a vantagem. Uma certa desconexão com a produção. O exemplo que ouvi outro dia numa briga no WhatsApp, muda um pouco o modo de se colocar frente a verdade: “eu não quero saber se isso é verdade ou mentira, eu quero é causar” ou “não importa bem o que estou dizendo, eu quero é likes”, isso é desconectado da realidade, isso não é parecido com a empresa “não importa se vou vender, calcinha ou *soutiens*, o que quero é fazer REDS e ganhar mais.

Participante: como fica no caso do Bolsonaro?

Temos que fazer uma transposição do capitalismo rentistas para as pessoas. Quando faço a transposição estou passando para o gozo, quando digo o número de *likes* é o que conta, é difícil dizer quantos *likes*. O “eu quero ganhar do Outro mais likes”, isso é uma regulação, quando “só quero mais e mais likes”, quando a empresa quer mais e mais lucros, se passamos isso para o gozo, daria algo assim “o que me importa é gozar”, não é como eu vou gozar, e dizendo o que,

o que importa é o que vou receber de gozo, ai dá para aplicar, mas é claro que estou fazendo uma extrapolação muito rápida. .

Não importa tanto o que é o Bolsonaro, o que importa é que estou com aquele que goza e a gente goza juntos. Poderíamos fazer uma populaçãozinha, temos aqueles que nunca ganharam nada, e agora, estão com o Bolsonaro, porque vão ganhar, essa é uma figura mais simpática, e como torcem! No dia da eleição era como se fossem a um jogo do Flamengo. Temos outros que estão na onda do “eu quero mais, mais e mais”, esses são mais enlouquecidos, e tem outros porque acham que ele é legal, meu capitão, rei, Deus, um super sujeito que vai fazer tudo bem.

Participante: poderíamos dizer que estamos numa economia, numa abstração de gozo, na imagem, na força de capital?

Poderíamos usar o termo economia para falar de dinheiro e também de gozo, mas você está trazendo algo novo. Nesse espaço onde o gozo não funciona na base de uma subtração original, a abstração nos leva ao regime do não-todo. No regime do não-todo, a imagem segura. No regime do não-todo uma das coisas que faz parar a loucura é dizer que “faço isso para ter a imagem correta”, pode ser, segura.

Participante: no caso do Bolsonaro, acho que cada um permitiu através da imagem, uma mostração do seu próprio gozo. Vimos com o chiste?

O mais difícil é falarmos desse estado de coisas, muito referido a posição desse lado todo das fórmulas, quando você fala em mostração, parece que o cara quer aparecer. Um sujeito que quer aparecer, pode ser que ele queira ser mais do que os outros, porque ele está sentindo que é menos, tudo isso é todista. Temos que pensar a lógica de um “drogadão”, quem precisa de razão quando se tem heroína? O sujeito só quer mais, é diferente, a pessoa que está fazendo copinho, só quer mais, mas se você diz não, mas lá no fundo tem uma perda de gozo original, que ele quer compensar com o excesso, ai é um filho da horda que está sonhando em ser um ditador.

Thereza: não é que só querem se mostrar, esses doze milhões é um investimento maciço do mercado.

Pensem que o jornal e o jornalista são neuróticos, até agora não tem uma imprensa psicótica, quando vemos um muito psicótico, se é que vai existir, é diferente, como já está ficando. O que é o Facebook? O que é uma imprensa psicótica?. Se vamos buscar um conluio, pessoas que juntas, se reúnem para destronar o Outro, esses estão no lado do todo, são todistas.

Dizendo de outra maneira, “toda teoria da conspiração, quando é razoável, é neurótica. Agora, imagine alguém gozando e tirando dinheiro de alguém, quando dizemos está todo mundo gozando e eu quero destruir o gozo do Outro, eu quero ficar com o meu, ai já estamos do lado do não-todo. Essa história dos doze milhões, não sei como encaixar. Eu tenderia a dizer que é um bom negócio investir, aqui, não importa se é do PT ou não.

Participante: doze milhões foram o investimento nas Fake News.

Acho que essa versão está muito neurotizada, não é muito não-toda. Imaginemos que os empresários pensaram: vamos pagar uma empresa que vai trabalhar para ganhar as eleições, eles não entendem nada de WhatsApp, mas vão trabalhar para ganhar, isso é muito neurótico.

Participante: funcionou com Trump.

Pode ser tudo verdade, mas é muito neurótico: bandidos contra mocinhos.

Participante: temos a versão, temos a matéria da Folha, mas quando o juiz Sérgio Moro, numa palestra nos USA fala que caixa 2 é pior do que corrupção.

The Square

Vou tentar de novo. O filme, *The Square - A Arte da Discórdia*, a gerente do museu usa de todas as armas possíveis para fazer sucesso e contrata adolescentes, dois débeis que sabem o que fazer para bombar nas redes. Aquele sujeito que podemos dizer todista. O personagem principal, está tão perturbado com as coisas dele que não presta atenção. Daí vem as reuniões de pauta e a ideia de colocar uma pessoa que é símbolo do país, uma criança para emocionar todo mundo. Na próxima reunião, “vamos fazer a criança sofrer um pouco”, então tem a cena da criança no museu explodindo com a bomba. Bomba, enlouquecidamente, claro que o cara perde o emprego, ainda tem algo razoável de pensar que explodir uma criança, chocou, mas bombou, causou. Tem alguma coisa nesse funcionamento enlouquecido e não todo que é vamos para o gozo e não porque “eu quero gozar mais do que você.

Participante: é o que estamos tentando fazer agora.

É só que a vida é gozo, é diferente, isso não se dá muito em sociedade, como fazer uma coesão? Como vai ter privação de alguns? Temos várias maneiras de pensar como é que vai. Pode ser um assembleísmo constante do lado do bem, pode ser um coletivo que faça assembleias, como nas Ocupações, são não-todos legais, mais pode ser outra coisa. Pode ser um lugar que quem não fizer tal contrato, morre.

Fiquei meio chocado na EPB Minas, nas jornadas, com uma intervenção: colocaram uma roleta, ela é muito não-toda, antigamente roleta tinha um sujeito que falava: “você pode entrar ou não, cadê sua carteira? Agora, coloca a digital que vai decidir se entra ou não entra. Se você tiver meia hora atrasado para o compromisso, não entra, é a maneira de regular quem está dentro ou fora, sem nenhum julgamento de verdade. Existem controles do mundo não-todo, que fazem o não-todo não ser uma loucura generalizada, mas não apela para a verdade.

Participante: a fábrica funciona assim, se está atrasado, se está na roleta e está atrasado, não entra.

Se atrasou dez segundos, dançou. Isso é um jeito de funcionar que controla o coletivo, não-todo, desde que todos se submetam. Ninguém está se submetendo a uma exceção, não se está submetendo a alguém que diz o que é certo e o que é errado. É uma máquina que define o que é e o que não é. Por isso que a revolução digital tem a ver com o não-todo. Aceitamos que vai funcionar segundo o algoritmo, não tem uma convenção, não tem nada, o algoritmo é que regula e jogamos esse jogo. É um jeito que nasceu junto a noção de não-todo. Não sei quem veio primeiro, se o computador produzindo o não-todo em todo lugar ou o não-todo em todo lugar que produziu o computador. Está funcionando e fazemos isso. É o que é, mais é claro que o mundo não é só isso.

Participante: trabalhando com a questão do algoritmo percebemos que a eleição americana para a nossa eleição, na eleição americana, por e-mail e no Brasil, WhatsApp e Facebook. É interessante pensar o algoritmo ai, ele veio como pirâmide, dez pessoas que te seguiam na sua rede privada e

a partir daí, não é o algoritmo quem vai mandar para alguém. É o algoritmo desvinculado da máquina.

As pessoas são algorítmicas. O que está acontecendo é uma convenção espiritual mais cheia de pontas. Essa é uma tese específica do Brasil. O Vilém Flusser, estava dizendo isso quando disse que o mundo ia virar um jardim de infância, o jardim de infância é isso, as pessoas não pensam muito no que faz, o que importa é se divertir. Não está dizendo que é primitivo e idiota, o que ele está dizendo é que não importa se aquilo tem consequência ou não, é só fazer o que é bom para a hora. Tem uma espécie de descerebramento nesse sentido. Não pode pensar muito.

Acho que no Brasil, por conjunções específicas, muita gente quis não pensar muito, funcionaram como algoritmo nesse seu sentido, o que se passa é quero causar, qualquer um que pára para pensar se é certo ou errado, atrasou a máquina, é por isso que com a máquina dos descerebrados se ganha mais, não são descerebrados no sentido de burrice, estão jogando o jogo de só replicar para causar e não para discutir se é verdade ou não. Essa massa tende a ganhar contra uma massa que quer pensar e discutir, o que é um problema nas democracias de hoje.

Participante: a máquina tem doze milhões.

Mas isso é uma questão neurótica, não precisaria dos doze milhões, eu quis dizer que a conjunção brasileira fez isso tudo, todo mundo quer acabar com o PT, que virou culpado de tudo, um bando de gente com pensamentos diferentes mas que só pensavam em acabar com o PT. Arranjaram um líder que não pensa nada, temos uma espécie de que há um pensamento geral que fez uma massa.

Participante: arranjou um manipulador que disparou essas mensagens.

Acho que foi uma conjunção de fatores. O que estamos querendo fazer é valorizar um fator que pouca gente valoriza, todos os outros, todo mundo já valou, agora, essa da revolução digital é mais difícil.

Participantes: sobre a eleição de uma pessoa para a manipulação dos algoritmos por pessoas que tem autoridade.

O que estou dizendo que essa nossa tendência para buscar um cenário neurótico para colocar uma ordem na nossa cabeça, claro que aconteceu esses doze milhões e tudo isso, mas acho que boa parte do fenômeno, que alguém pensou “vou acabar com o PT, fez um plano diabólico”, é muito mais algo em massa que vai acontecendo para todos os lados.

Pegamos as teses maiores do texto do Mbembe, não foi passo a passo, Helena tem razão, é um texto bombástico, de curto-circuito, mas tem boas imagens, resume coisas grandes que ele foi fazendo paulatinamente.

(...) sob a ocupação israelense por décadas, Gaza continuará a ser a maior prisão a céu aberto do mundo.

Isso dá uma sensação de verdade. Depois a grande tese dele, o liberalismo e o neoliberalismo se separaram, na verdade o liberalismo caminha sozinho, ele rompeu com a ideia de indivíduo como centro das decisões econômicas, passou a ser o próprio dinheiro gerando dinheiro, como o centro das decisões econômicas.

Isso destrói o liberalismo, o liberalismo já era também. O liberalismo não é o único nome do humanismo, mas é um divisor de alianças entre o liberalismo e uma espécie de humanismo, no pós guerra, também com o socialismo e outros, que funcionou, isso agora está sendo destruído.

A grande questão política para Mbembe desse século é: como fazer política não-humanista? Como colocar um pouco de humanismo na política? A política está ficando neoliberal, e aí, meio enlouquecida. Tem uma política que é não-toda, traduzimos, e o que ele está chamando de neoliberalismo, abordamos como não-todo.

No meio do caminho ele fala do inconsciente, foi aí que sai da depressão, o que ele fala do inconsciente não tem nada a ver com o inconsciente nosso, ele está falando da não consciência, o que está fora do saber? Ele responde que nada, tudo é possível de saber então não se tem uma exceção que sabe mais do que eu. Está tudo no Google que é um exemplo do não-todo, tudo está lá e nada está lá. Isso é o não todo.

Se procurar um mestre, ele diz: “meu filho é assim’, você aceita e depois vai caminhar. Isso é todista. O Google é não-todista. O mundo é não-todista e todo mundo acredita que o saber está em todo lugar, como é o inconsciente?

A princípio ele era um saber só seu, que diz a verdade sobre você, um saber só seu já é difícil de imaginar, um saber de todo mundo é de todo mundo.

Participante: esse lugar de fala, não só de uma teoria, mas de uma experiência pessoal, há essa possibilidade de fazer ecoar e existir um saber próprio. O lugar de fala, ele não pode ser falado não só a partir de um grupo, mas também pode ser dito do ponto de vista de cada um.

O que já é uma proposta de pensar o que seria o inconsciente num mundo não todista, mas primeiro temos que ver como esse inconsciente nosso, mais todista, fica, meio apertado nesse momento. A princípio as pessoas não estão procurando grandes segredos, estão procurando aquilo que serve, não estão procurando verdades, estão procurando o que funciona, é a tendência, não estão procurando se encontrar, estão procurando fazer. Já temos dificuldade nisso aí. A ideia de que tem um campo negro, onde aparece as verdades, acabou. O que nós vamos dizer? O que vamos falar desse saber que está fora de todos os saberes. É quase impossível pensar isso. Temos o paradoxo da psicanálise que era assim desde o começo.

O saber do inconsciente é um saber igual a qualquer outro, essas coisas que vem do inconsciente: “meu pai queria me matar, eu queria beijar alguém”, o conteúdo são textos. Está no Google, tem um peso ali que chamamos de gozo ou de verdade, esse peso que é decisivo na experiência, não é o saber, é o saber no lugar da verdade.

Lacan no seminário 17, para definir a interpretação analítica diz que a interpretação está no lugar da verdade. O saber que é gozo é um saber que é gozo, não é gozar do saber, o outro nome para isso é certeza. Quando encontro com esse saber que se me apresenta como só meu e dentro de mim, encontro uma certeza. O que está difícil de encontrar hoje em dia, a não ser aquela de dois minutos. Tem alguma coisa no trabalho com o inconsciente que produz certeza que é o saber no lugar do gozo.

A interpretação é saber no lugar da verdade, a certeza da interpretação, é o saber no lugar do gozo. Lacan no seminário 17, marcou a ideia de que esse efeito de verdade da operação analítica é que o saber vem no lugar da verdade, o saber em si, não é grande coisa, mas como ele vem no lugar da verdade, “meu tio abusou de mim”, vemos isso hoje em dia. Não precisa da psicanálise, a pessoa vem com o saber: “eu descobrir que fui abusada, agora tudo se explica”, o saber no lugar da verdade.

Interpretação: um saber no lugar da verdade

A interpretação analítica faz esse efeito, mas acrescentando um pouco mais, com Lacan, mais tardio, que é o gozo. O gozo não é exatamente a verdade, para levar para o psicológico, eu proporia o saber no lugar do gozo, como certeza, não a verdade. Quando tenho um saber que é meu gozo que está ali, meu ser de gozo está ali, tenho certeza que é ele. Mas ao mesmo tempo sei que ele é como os outros, tem um jogo que pode acontecer numa análise que não é a pessoa encontrar um saber inconsciente e aí e descobrir alguma coisa sobre si, ninguém acredita mais nisso.

Mas continuamos indo, porque encontramos um saber, encontramos uma certeza. Foi isso que me tirou da depressão. Para fazer um link com o seminário, geralmente esse gozo – também fazíamos isso nos momentos todistas, a pessoa chegava procurando sua verdade, SsS: sujeito suposto saber e aí encontrava um saber, uma verdade, um gozo, uma certeza, só que esse gozo e essa certeza era apenas em torno de um objeto, o objeto *a*, agora precisamos dessa certeza sem ser objeto.

Vocês podem não entender porque estou falando de objeto, mas minha proposta é que em tempo não-todo, continua valendo a certeza, mas talvez não seja uma coisa que cai, um resto, é uma coisa que vem, porque preciso falar, preciso do ato de fala, não sei se é o lugar de fala, é uma fala que depois dela eu tenho certeza. Já era assim antes, só que antes eu procurava um objeto e quando eu falava do lugar de objeto, tinha essa fala, agora não, ela vem de outro jeito, talvez.

Estamos agarrados a esse resto o tempo todo e vamos continuar, se a gente se solta do resto, nos soltamos do objeto da psicanálise e fica louco.

Participante: a crença pressupõe o pai.

O pai é o nome freudiano da crença, na exceção porque tem crenças diferentes, em geral o que chamamos de crença é acreditar na exceção, que vai explicar porque eu sou errado.

Participante: a certeza vem no lugar do vazio. O vazio não precisa ser falta. Buraco.

Que vazio? A categoria de vazio já complica, buraco é melhor. Teríamos que investigar a certeza psicótica que não se faz na base da crença, e vemos como ela é forte, talvez o que estamos falando, é: a clínica tem um lado psicótico e ele é quente. Tem alguma coisa da análise quando ela caminha, chega num ponto que não dá mais para dizer que não cheguei lá, ainda falta saber, falta encontrar a minha verdade e ainda está em algum lugar, mas já encontrei tantas vezes, mas ainda está se saturando, essa saturação vai esvaziando o campo do todo, esvaziando a falta, a falta da falta, vai ficando meio pesado e fazemos alguma coisa, de fala nesse lugar, aí concordo

com você, mas é mais fácil fazer isso, movendo o gozo e a falta. A falta porque justamente ela foi um pouco embora.

Participante: o vazio não precisa ser falta.

Teríamos que pegar uma situação. Ram Mandil por exemplo, ficava no mundo escondido, todas as demandas ele coloca num saco plástico, e então, não precisava de responder a demanda, ela estava no saco plástico. Fazendo isso ele estava negatizando a demanda. Um cara angustiado com a demanda, um obsessivo, chegava um e-mail ele imprime colocava no saco plástico, para ver depois. Está usando a ideia de um saco onde vai enfiar as coisas, guardadas para outro dia, é um pouco a ideia. Isso eu subtraí do vídeo de todo dia, vou tratar disso numa outra hora, é um jeito neurótico de lidar com a demanda, excessiva, aí faz análise, análise, no final a ideia é de que não tem nada dentro do saco, não adianta colocar nada lá, é como se não tivesse nada. Leia o passe dele, é bem essa ideia, não é que ele não aceitou o vazio da vida.

Participante: três pontinhos, reticências.

Reticências, três pontinhos é vazio, pensem na experiência: eu falo qualquer coisa, três pontinhos. Vazio que a gente imagina que ele está indicando, mas não sabe, mas os três pontinhos não são vazio, é uma operação, operação de impossível, sem pedir para o vazio. Uma coisa de letra.

Participante: ele fala da materialidade desse vazio.

Ele usa a palavra conjunto vazio, não fala de vazio, talvez ele use a palavra vazio, mas o grande operador do seminário é o conjunto vazio, é o zero. Zero é isso: você escreve o zero, não é vazio.

A teoria dos conjuntos do seminário 19, é justamente meio-psicótico, não tem lei, a lei se produz quando você escrever a lei. Eu sei o que você está querendo dizer, é a lei, mas não é essa lei. Essa lei você vai buscar o que ela quer dizer. Eu crio a regra de formação do conjunto. Estou reservando a palavra lei para a lei do pai e não para a lei de formação de um conjunto.

Essa lei é um pouco psicótica, porque você escreve a lei e vive nela. A lei do pai é neurótica no sentido do que “eu não sei dizer o que o pai quis dizer, mas eu sei que ele sabe qual é a boa lei. Eu sei que está lá. Vou conversar com Moisés que vai trazer as tábuas da lei, mas não tenho certeza absoluta se foi o que Deus disse. Moisés coloca as tábuas da lei em nome de Deus. Nunca chego na instância que enuncia a lei, quando Deus enuncia a lei para Moisés, ninguém ouve e Moisés não sabe se ouviu, a lei de Deus é grande demais para mim. A lei de formação de um conjunto, não, escreve, acabou.

Participante: o vazio é a maneira de agarrar algo com a linguagem.

Essa é a primeira lição, o cara passa um tempão falando de conjunto vazio, posso imaginar que quando ele está falando isso, está fazendo o efeito de retórica, porque vazio, aos poucos vocês vão ver que é o conjunto vazio, mas mesmo nesse momento eles estão falando dos três pontinhos, não estão falando do vazio, mas fazendo um jogo.

A questão toda continua sobre o objeto, o objeto é todista, não é não-todista, é o que precisamos começar a discutir. A função da causa e a função do resto é a função do pai, não é uma função fora do pai. Na arte isso é muito claro, chamar de feminino ou psicótico é para nossa fala, não é isso, não-todo é melhor.

Vamos guardar a revolução digital, não voltamos ao Mbembe, o nosso objetivo é chegar é chegar no nó, mas juntos temos que vê que objeto não vai dar conta dessa certeza que podemos ver com a fala.